



A Santa Sé

VISITA PASTORAL À PARÓQUIA ROMANA
DA IMACULADA CONCEIÇÃO NO BAIRRO CERVELLETTA

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Domingo, 7 de Março de 1982

1. A liturgia do segundo Domingo da Quaresma é em certo sentido, *a liturgia dos três montes*.

No primeiro ouvimos, como refere o Livro do Génesis, as palavras dirigidas por Deus a Abraão: "Pega no teu filho, no teu único filho, a quem tanto amas, Isaac, e vai à terra de Moriah, onde o oferecerás em holocausto, num dos montes que Eu te indicar" (*Gén 22, 2*).

A prova de Abraão.

"Deus pôs Abraão à prova" (*Gén 22, 1*).

Esta foi a *prova da sua fé*.

No lugar indicado, Abraão construiu o altar, colocou sobre ele a lenha e sobre a lenha pôs o seu filho Isaac: o filho único. O filho da promessa. O filho da esperança.

Abraão esteve pronto a oferecê-lo em holocausto a Deus, a derramar o seu sangue e queimar-lhe o corpo numa fogueira.

No momento decisivo recebeu a proibição de Deus: "Não levantes a tua mão e não lhe faças mal algum, porque sei agora que, na verdade, temes a Deus, visto não Me teres recusado o teu único filho" (*Gén 22, 12*).

Na vizinha moita, Abraão encontrou um carneiro e ofereceu-o no altar preparado. A prova da fé

cumpriu-se. A grande prova. A urgente prova. Adequada à promessa. *Deus renovou a Sua promessa diante de Abraão*, depois de o submeter à prova: "multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar" (*Gén 22, 17*).

A *descendência* não tanto segundo a carne *quanto segundo o espírito*. Os descendentes de Abraão na fé são, em certo sentido, os seguidores das três grandes religiões monoteístas do mundo: o judaísmo, o cristianismo e o islão. "Todas as nações da terra serão abençoadas na tua descendência, porque obedeceste à Minha voz" (*Gén 22, 18*).

Os descendentes da fé de Abraão crêem que Deus tem o poder de provar o homem. Tem o *direito à oferta do seu espírito*.

2. A liturgia do segundo Domingo da Quaresma conduz-nos a um alto monte, na Galileia. Além da planície da Galileia eleva-se, majestosamente, o *monte Tabor*: o monte da Transfiguração, segundo a tradição cristã.

Sobre este monte Jesus de Nazaré, que veio para entre os descendentes de Abraão como o Messias enviado por Deus, *foi transformado miraculosamente* diante dos olhos dos Seus Apóstolos: Pedro, Tiago e João. Aos olhos dos Apóstolos, manifestou-se a Si mesmo transfigurado na glória e, juntamente com Ele, Moisés e Elias. Ao milagre da visão juntou-se o milagre do ouvido. Eles ouviram a voz, que saiu da nuvem: "Este é o Meu Filho muito amado. Ouvi-O" (*Mc 9, 7*) — as mesmas palavras que já tinha ouvido João Baptista perto do Jordão, por altura da primeira vinda de Jesus Cristo, depois do Seu baptismo.

A teofania do monte Tabor *tem carácter pascal*. Anuncia a glória de Cristo Ressuscitado. Ao mesmo tempo, ela prepara os Apóstolos para a morte do Cordeiro de Deus. Para a Teofania do Gólgota.

3. *Ao monte Gólgota*, o terceiro monte, conduz-nos o Apóstolo Paulo com as palavras da leitura aos Romanos. A Teofania do Gólgota é indicada com as seguintes palavras: "Se Deus é por nós, quem será contra nós? Ele, que não poupou o *próprio Filho*, mas O entregou *por todos nós*" (*Rom 8, 31-32*).

Sabemos que o Pai deu o Seu Filho no Gólgota; sabemos que exactamente assim se chamava aquela colina, fora dos muros de Jerusalém, sobre a qual "não poupou o próprio Filho" (*Rom 8, 32*).

Este Deus, que não permitiu a Abraão sacrificar na morte o seu filho Isaac, não poupou o próprio Filho.

Não confirmou com isto, até ao fim, a nossa eleição?

"Quem condenará os eleitos de Deus?", pergunta a si mesmo o Apóstolo (*Rom 8, 33*).

Ele mesmo tomou nas Suas mãos a causa da *justificação do homem*... "Deus justifica" (*Rom 8, 33*). E se é assim, quem pode condenar o homem? (cf. *Rom 8, 34*).

Tal sentença só a poderia dar Cristo, que no Gólgota conheceu o peso dos pecados dos homens.

Mas no Gólgota Jesus Cristo *sofreu a morte por nós*, "mas — escreve o Apóstolo — *...ressuscitou*, está à direita de Deus e intercede por nós" (*Rom. 8, 34*).

4. A liturgia do domingo de hoje convida-nos a subir a um monte, o lugar da teofania da Antiga e da Nova Aliança. Nestes montes somos convidados, em conformidade com o espírito da Quaresma, "a anunciar nas nossas línguas as maravilhas de Deus" (*Act 2, 11*): os mistérios da nossa *redenção*, da nossa *justificação em Cristo*.

Nestes montes convém-nos aprender estes mistérios, *assimilá-los* de coração e com a alma, *plasmá-lo* o nosso espírito, transformá-lo segundo o aspecto que lhe dá Cristo.

O actual domingo da Quaresma ensina-nos que somos chamados a *uma grande transformação espiritual*.

Devemos participar na Transfiguração de Cristo, assim como os Seus discípulos no monte Tabor.

Devemos preparar-nos para a Santa Páscoa.

O mestre desta atitude, mediante a qual Cristo desce ao nosso coração, realizando uma transformação e a conversão, é *Abraão*: o Pai de todos os crentes.

5. De facto, parecem ecoar no nosso coração as palavras do Salmista:

"*Conservei a confiança mesmo quando disse: Na verdade estou deveras aflito*" (*115/116, 10*).

Não estava talvez ele tão infeliz enquanto caminhava para o monte indicado por Deus, para sacrificar o próprio filho? Não foi somente a fé que lhe permitiu então repetir: "É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos Seus fiéis!" (*Sl 115/116, 15*)?

De Abraão começou a família humana a aprender a fé, que se manifesta na *interior atitude do espírito humano*: manifesta-se no sacrifício do coração.

Jesus Cristo é o Mestre definitivo e perfeito de tal atitude: "consummator fidei nostrae!" (cf. *Heb. 12, 2*).

6. O fruto da liturgia do segundo Domingo da Quaresma deve ser *a prontidão* para oferecer os sacrifícios espirituais, em que se manifesta a nossa fé. Pedimo-lo com as palavras do Salmo:

"Sou, Senhor, Vosso servo, / Vosso servo e filho da Vossa serva; / quebrastes as minhas cadeias. / Oferecer-Vos-ei um sacrifício de louvor, / e invocarei o nome do Senhor. / Cumprirei os meus votos ao Senhor, / na presença de todo o Seu povo" (115/116, 16-18).

7. Com tal espírito vos reunistes hoje *com o vosso Bispo*, vós, paroquianos da paróquia da "Imaculada Conceição, na Cervelletta" de Tor Sapienza, fundada como é sabido, pelo meu Predecessor, São Pio X, em 1911.

Ao manifestar-vos a minha alegria sincera por estar aqui no meio de vós, neste Domingo da Quaresma, sinto o desejo de endereçar uma particular saudação, primeiro que tudo, aos zelosos Religiosos da Congregação da Missão de São Vicente de Paulo, que desde 1950 dedicam as energias e a solicitude ao vosso cuidado pastoral. Saúdo, portanto, o actual pároco, Don Riccardo Martorelli; Don Dante Petrini, que durante onze anos exerceu entre vós o cargo de pároco; e os outros irmãos que foram colaboradores, com generoso empenho, no crescimento espiritual de toda a vossa comunidade paroquial.

Saúdo todos os 20.000 fiéis da paróquia: os pais, as mães, os jovens, as crianças, as pessoas idosas e os doentes.

Um pensamento vai também para as Irmãs de Nossa Senhora da Neve, que prestam precioso contributo na catequese sacramental e na assistência aos enfermos.

Um especial sentimento de apreço desejo exprimir aos vários *Grupos de Leigos*, inseridos responsabilmente nas diversas iniciativas paroquias: o Conselho Pastoral, os Catequistas da Primeira Comunhão, da Crisma e do Oratório; os Jovens do "depois da Crisma"; a legião de Maria; as Comunidades neocatecumenais, e as Zeladoras.

Faço votos por que se desenvolva cada vez mais o sentimento da eclesialidade, cresça o desejo da união e da colaboração entre as várias componentes da paróquia, num contínuo *aprofundamento da fé* e numa cada vez mais renovada adesão *à pessoa e à mensagem de Jesus*, centro da nossa vida.

8. Assim pois, caros Irmãos e Irmãs, Paroquianos da *Imaculada Mãe de Cristo*, associado a vós fiz hoje a visita ao monte da fé de Abraão, ao monte da Transfiguração na Galileia e na colina do Gólgota.

Segundo o espírito da liturgia da Quaresma ficámos conhecendo a grandeza da nossa Redenção e da Justificação no Sacrifício de Cristo.

No mesmo espírito *atinja a maturidade* a nossa fé: mediante as provas da vida quotidiana, e por vezes mediante as grandes provas e experiências, nas quais o espírito humano é provado como o ouro com o fogo.

A nós, remidos e qualificados no Sangue de Cristo, nenhuma prova nem experiência *embargam a perspectiva da vida*.

Desvelam-na ainda com maior profundidade em Deus.

Aprendamos esta perspectiva, oferecendo os sacrifícios espirituais de tudo aquilo de que se compõe a nossa vida.

A participação na Eucaristia nos una — todas as vezes, e hoje particularmente — nesta comunidade, a que o Pai revela e dá o próprio Filho:

"Este é o *Meu Filho muito amado*. Ouvi-O" (Mc 9, 7).

Âmen.

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana